

## A inconstância do olhar sobre o mundo

Por Bernardo José de Souza

Tudo começa com um olho. Quem olha para onde, para quem?

Há sempre três olhares convergindo em um mesmo retrato: o do autor, o do público e o do retratado — admitindo-se que este último saiba ou intua o feito fotográfico. Mas mesmo que dado personagem esteja alheio à captura de seu retrato, seu olhar é forçosamente tomado de empréstimo em meio à triangulação de perspectivas que vem forjar um mundo próprio, cujas capas de sentido sobrepõem-se simultaneamente dentro e fora da imagem. Este plano externo, ou “campo cego”, como diria Roland Barthes, esta esfera extra fotográfica que resta invisível ao espectador, responde pela dimensão narrativa implícita à obra de Mauro Restiffe — um palimpsesto de histórias plasmadas no celuloide, algumas simétricas, outras assimétricas, conjugadas no painel humano que dá corpo a esta exposição.

Ora velada, ora aparente, essa dinâmica de olhares orquestrada pela fotografia encontra sua raiz na pintura, mais explicitamente no quadro *As Meninas*, de Velázquez. Ali, descortina-se o embate entre sujeito e objeto, entre público e obra de arte, mediado pelos olhares do pintor e dos retratados, ambos colidindo sobre o espectador. Tal qual esta obra prima, responsável por instaurar a consciência moderna da representação artística, as imagens de Restiffe, em vez de capturar um tempo morto, vão propor um jogo de cena no qual todos operam como agentes discursivos, um imbricado na mirada do outro — desta forma, o espectador é tragado pela imagem, absorto em uma dimensão situada entre o passado e o futuro.

Já quando informados pela tradição fotográfica do século XX, herdeira de Cartier-Bresson, poderíamos ser tentados a pensar tal hiato temporal como o momento decisivo, mas não se trata aqui exatamente disso, bastante ao contrário, eu diria. Os momentos retratados pelo artista dão conta de um fluxo, de um porvir, do transcurso de tantas biografias, seus sonhos e projetos de vida, sua iminente realidade. As fotografias de Restiffe, portanto, não são maiores que a vida, mas se constroem na sua justa medida — o que não significa dizer que não haja em sua obra o desejo de um relato histórico, ou melhor dizendo, de histórias, algo que se evidencia sobremaneira nos grandes panoramas políticos da vida pública brasileira, exemplarmente traduzida no projeto ora em exibição na Bienal de São Paulo, no qual a posse do presidente Lula é situada vis-à-vis a de Bolsonaro, num perverso e decisivo espelhamento de realidades. Em ambas as séries, o fotógrafo vai emergir como agente político, orientando sua lente às arquiteturas de poder, movido pelo afã algo marxista ao qual cumpre desvelar a superestrutura em suas dinâmicas institucionais. O corpo social torna-se, portanto, objeto de sua obra.

Emblematicamente, a este plano “reportagem” em terra brasileira, soma-se uma outra investigação, igualmente marcada pela política, embora de natureza cultural diversa. As viagens a Rússia travadas pelo artista nos anos de 1990, e novamente em 2015, condensariam uma galeria de personagens de outra sorte, propondo uma renovada mirada antropológica e relação com a história. Mas em que pese o caráter investigativo dessa imersão junto ao povo que experimentara a revolução e dela se desfez quando ruíram as utopias comunistas pari passu o muro de Berlim, em 1989, em tais jornadas o artista se preocuparia menos com o macro e mais com a micropolítica, com as vidas que se tornaram invisíveis sob a cortina de ferro: suas rotinas, seus espaços privados, sua intimidade.

Pois a presente mostra na Fortes D'Aloia & Gabriel se processa na esteira das viagens russas, igualmente orientada para os sujeitos da história, ou para os indivíduos e suas muitas histórias. Esta série intermitente de retratos atuais (que todavia retrocedem às viagens russas), parte do farto arquivo que vem sendo compilado pelo artista ao longo da vida, e acena com a sedução de personagens ávidos por seus destinos, ou entregues a eles com graça, paixão ou mesmo resignação. Trata-se de

figuras a um só tempo frágeis e sólidas, reais, senão de todo donas de seus destinos, agentes humanos sobre a paisagem, quer construída, quer natural.

Mais do que do passado, o arquivo trata do futuro. Registrar, para além de preservar a memória, significa redimensioná-la em plano constante. E assim funciona com o acervo de imagens de Restiffe: um conjunto de personagens, de pessoas, aliás, investidas de desejos, em trânsito, movidas pela curiosidade — esta mesma curiosidade dividida por nós, espectadores da malha humana retratada, tão sensível, tão estoica no curso de suas existências. Do lado de cá do torvelinho humano gravados no filme, nós nos encontramos, como extensões das biografias que espiamos à la voyeurs, antevendo a glória ou o desastre, que a todos nos alcança em algum momento no tempo.

Diria, ainda, que há algo de cinematográfico na obra deste artista, um tempo dilatado, uma espécie de cinema de fluxo que extrapola o campo fotográfico, uma vez que faz verter das imagens uma carga vital, capaz inclusive de animar as naturezas mortas a pontuar a sequência de retratos, pois delas também emana uma atmosfera provisória que nos convoca a vislumbrar narrativas para além da beleza plástica das imagens, de sua composição formal — a rigor, como de resto, de todas as demais fotografias, sejam elas bucólicas, eróticas, reflexivas, políticas ou demasiado íntimas.

Entre figuras públicas, algumas mais ou menos públicas e outras anônimas, a obra de Restiffe versa sobre o caráter provisório da história. E este acervo de histórias e memórias preocupa-se tanto com o tempo presente quanto com o deslanchar do futuro. De decisivo, apenas o desconhecido em seu jogo de espelhos entre o antes e o depois, entre o público e o privado, entre a macro e a micropolítica, entre sonho e a instável realidade.

Por fim, para arrematar este breve texto, faltou falar de uma imagem em particular, do olhar incisivo do artista em seu autorretrato em branco e preto: aqueles olhos negros que passeiam com intimidade sobre outros corpos e paisagens, aquele olhar-punctum que destila admiração e surpresa com o mundo ao redor, sempre nos remetendo alhures, ao que a fotografia não capta, mas enseja ou insinua. Ao não estabelecer um código fechado para suas imagens, o artista nos convoca a uma deriva pelo etéreo, por aquilo que poderia ter sido e ainda não foi, mas que talvez seja em algum momento da vida senão relegado ao esquecimento, à mais recôndita memória.

Evoé!

## Parte II

Voltar a uma obra fotográfica é como voltar a um texto, recuperar o que havia sido desprezado entre um pensamento e outro, encontrar pela primeira vez o que a pressa havia deixado passar despercebido — um exercício de convivência, interpretação e afetação, emotiva num primeiro momento, e intelectual, justo a seguir.

Retornar aos retratos de Mauro Restiffe, motivado pela nova seleção de imagens feita para este segundo tomo da exposição *Laço, Rastro, Traço*, abre a possibilidade de perscrutar um passado que, embora alheio à minha história, vem despertar um forte instinto de familiaridade, ou mesmo o desejo de dividir espaço e atmosfera com seus muitos personagens à deriva no tempo. É como se coubesse a mim, e a qualquer visitante, tomar de empréstimo essas fotografias fugazes, repletas de um sentido oculto; como se elas acenassem com uma narrativa esquecida por conta de uma dessas peças que a memória de quando em vez nos prega, borrando inteiras passagens de uma biografia.

As flores amalhadas nesse conjunto de instantâneos funcionam como as famosas madeleines de Proust, o sortilégio disparador de um afeto sublimado — responsáveis por jamais fazer perecer uma lembrança que pensávamos extraviada pela vida. Entre novas despedidas, hesitações ou sinais trocados, estas quinze imagens compõe todo um arcabouço afetivo,

muitos, aliás, pois entre errâncias, portos seguros e finais de linha, recomeçam as jornadas, senão a cada dia, de ciclo em ciclo, como se arrastados pela torrente vital que nos põe em ação, no mundo.

Talvez o mais belo dessas fotografias seja a possibilidade de abrir fendas no espaço/tempo, embarcar em digressões tão íntimas quanto universais em seus pontos dispersos numa constelação de vidas cruzadas, dimensões simultâneas de encontros e abandonos. E, assim, flertamos com a alteridade, como se postos em pé de igualdade: por uma vez, todos humanos. Há algo de J. L. Borges neste exercício especular, este mundo dentro de outro mundo, como o personagem do seu conto as Ruínas Circulares, no qual um homem em meio a um templo, embrenhado na mata, sonha um outro homem buscando torná-lo realidade, mas logo acaba por descobrir ser ele, também, o sonho de outro homem.

São tantas e quantas as realidades imediatamente perdidas nesses últimos anos. E não me refiro apenas à morte, mas ao desaparecimento de inteiros complexos afetivos, ou mesmo semânticos — sinapses que jamais voltarão a ocorrer porque a vida mudou, porque todo um mundo parece ter sido irremediavelmente solapado. Talvez em outro tempo, eu passasse apressado por esta revoada de imagens, mas hoje me encontro a ponto de naufragar nas ilhas de memória do dia anterior, de um mundo *avant ce monde, avant la lettre* — antes da carta de despedida que voltamos a ler com o entusiasmo de recuperar o que a urgência nos havia roubado.

\*\*\*

Epílogo:

Gosto de pensar que neste mundo que não é mais palpável, que é pura virtualidade, restaria, debaixo de tudo, no fundo preservado de um alçapão, uma espiral de celuloide a manter intactas as imagens apagadas por uma súbita tempestade cósmica, por uma onda magnética colossal que, num átimo, fizesse água de todo um oceano de vidas digitais — um acervo que queríamos irrestrito, embora tão volátil a ponto de se esvaír num vento solar, para nunca mais ser navegado. Adeus nuvem, adeus internet, adeus aos arquivos com essas imagens que acabo de olhar e que me trouxeram essas palavras.

Esta exposição também diz respeito ao inabalável apreço pela memória a ser escavada pelos historiadores e antropólogos, pelos sujeitos que, como eu, nalgum momento futuro, voltarão a essas fotografias em busca de uma memória coletiva, de um acervo de emoções que se supunha fatalmente olvidadas.